



O embaixador de Portugal em Moçambique, José Augusto Duarte (ao centro), com o bastonário da Ordem dos Contabilistas Certificados de Portugal, Domingues Azevedo (à dir.), e o diretor da TSE, Paulo Baldaia

Nos negócios a língua só nos dá a *pole position*

Encontro. Negócios em Português juntou em Moçambique empresários e contabilistas dos dois países. Todos de acordo. Há muito para fazer

PAULO BALDAIA, em Maputo

O embaixador de Portugal em Maputo, na abertura da conferência realizada pela TSE e pela Ordem dos Contabilistas, salientou que a língua é um fator crucial nos negócios entre países que falam português, considerando mesmo que ela nos dá a *pole position*, mas avisou que "não garante o primeiro lugar" na meta.

Para José Augusto Duarte, que salientou o facto de Portugal ser dos principais investidores estrangeiros em Moçambique, temos de nos orgulhar de sermos igualmente um dos principais criadores de emprego neste país. Na sessão de abertura, o bastonário da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC), Domingues Azevedo, salientou a necessidade das empresas e do Estado de terem as contas bem organizadas para que os negócios se possam fazer com verdade e transparência.

Na conferência Negócios em Português, que contou com o apoio da embaixada e da delegação da AICEP, esteve presente Salimo Abdula, presidente da Confederação Empresarial da CPLP, para quem Moçambique "está condenado ao sucesso", mas isso só vai acontecer quando for capaz de diversificar a

economia. Abdula congratula-se com os passos firmes dados por Moçambique em democracia, mas reconhece que é preciso ajuda para garantir a paz e a estabilidade.

No mesmo painel de debate, o CEO do BCI, um banco com capital da Caixa Geral de Depósitos, do BPI e de moçambicanos, garantiu que a banca tem capacidade para ajudar ao investimento. Paulo Sousa recordou até os dados do FMI para mostrar que o crédito

Salimo Abdula afirmou que licenciar um projeto em Moçambique é ainda muito demorado

em Moçambique tem crescido. Rodrigo Rocha, representante da Câmara de Comércio Portugal-Moçambique, não esteve inteiramente de acordo e salientou o fraco investimento que tem havido na agricultura, um dos setores fortes da economia. Mas, aí, alguém lembrou que a agricultura é exatamente o setor com mais dificuldades de dar garantias de pagamento quando pede crédito. Neste debate foi lembrado por Salimo

Abdula que licenciar um projeto em Moçambique é ainda uma tarefa muito demorada. Para este dirigente da CPLP todos estes países têm de ultrapassar tabus que vêm de há 40 anos, porque só dessa forma será possível criar projetos que interessem a todas as economias dos países onde se fala português.

Na conferência que decorreu no hotel Girassol Indy, do grupo português Visabeira, onde se juntaram empresários e contabilistas portugueses e moçambicanos, a contabilidade e a fiscalidade foram temas centrais das conversas.

Mário Siteo, bastonário da Ordem dos Contabilistas e Auditores de Moçambique (OCAM), reconheceu que há muito para fazer na máquina fiscal, de modo a diminuir as injustiças em que os que pagam pagam muito e os que vivem da economia informal não pagam nada. Este foi o mote para a vinda do bastonário português ao primeiro congresso da OCAM, que decorre hoje e amanhã em Maputo. Domingues Azevedo salientou que o sistema fiscal tem de ter rendibilidade e tem de ser justo. Horácio Simão, da Autoridade Tributária de Moçambique, encerrou a conferência garantindo que o país está a melhorar as relações entre o Estado e os contribuintes.